

**DIALÉTICA, SUBSUNÇÃO E TRABALHO PRODUTIVO: RELENDO O
CAPÍTULO SEXTO INÉDITO DE KARL MARX¹**

**DIALECTICS, SUBSUMPTION AND PRODUCTIVE LABOUR:
REREADING THE *DRAFT CHAPTER 6*, BY KARL MARX**

*Giovanni Sgro*²

Recebido em: 07/2019
Aprovado em: 11/2019

Resumo: A presente contribuição visa oferecer uma espécie de “percurso de leitura” pessoal do denso texto do chamado *inédito Sexto capítulo*, a fim de ressaltar algumas características específicas de sua trama conceitual e alguns de seus elementos de grande relevância teórica e política. Depois de colocá-lo brevemente no projeto marxiano de *crítica* da economia política, procederemos à análise específica do conteúdo do *inédito Sexto capítulo* do primeiro livro de *O capital*: 1) as mercadorias como produto do capital; 2) a produção capitalista como produção de mais-valia; 3) a mercadoria como produção e reprodução da inteira relação de capital.

Palavras-chave: Karl Marx; O Capital; dialética; subsunção; trabalho produtivo.

Abstract: The present paper aims to offer a sort of personal “reading path” of the dense text of the so-called *Draft Chapter 6*, in order to highlight some specific characteristics of its conceptual plot and some of its elements of great theoretical and political relevance. After having placed it briefly in the Marxian project of *critique* of political economy, we will proceed to the specific analysis of the contents of the *Draft Chapter 6* of the first book of *Capital*: 1) Commodities as the product of capital; 2) Capitalist production as the production of surplus value; 3) Commodities as the production and reproduction of the whole capitalist relation.

Keywords: Karl Marx; Capital; dialectic; subsumption; productive labour.

Introdução

No presente artigo tentarei oferecer uma espécie de “percurso de leitura” pessoal (§ 4) do denso texto do *Capítulo sexto*, a fim de trazer à luz algumas características específicas de

¹ Versão revisada e atualizada de um artigo meu publicado em *Consecutio temporum. Rivista Critica della Postmodernità*, anno III, n. 5, p. 103-111, ott. 2013 e de minha “Introdução” à edição italiana de Karl Marx, *Risultati del processo di produzione immediato: Il “capitolo sesto inedito” del primo libro de “Il capitale”*. Introduzione, traduzione e cura di Giovanni Sgro’. Napoli: La Città del Sole, 2018. p. 13-29. Tradução do original italiano: Ludmila Menezes Zwick, doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo.

² Professor associado de História da Filosofia da Universidade eCampus (Itália). E-mail: giovanni.sgro@unicampus.it

sua trama conceitual e alguns de seus elementos de grande relevância teórica e política (§ 5). Antes de iniciar a análise específica de conteúdo do *Capítulo sexto*, parece-me oportuno situá-lo brevemente no projeto marxista de *crítica* da economia política (§§ 2-3).

A caminho de *O capital*. Marx e a crítica da economia política (1844-1867)

O longo e complexo caminho de Marx rumo a *O capital* pode ser substancialmente dividido em *dois períodos*: 1844-1857 e 1857-1883.

O primeiro período é aquele que vai de 1844 a 1857: Marx estuda os clássicos da economia política (Smith, Ricardo, Mill), elabora uma noção embrionária da dialética das forças produtivas e relações de produção, critica o socialismo pequeno-burguês (Proudhon) e se aproxima do estudo da realidade econômica a partir de manifestações fenomênicas (ver Musto, 2011, p. 69-105).

O segundo período começa em 1857 e coincide com a construção do modelo teórico do “capital”, que, por sua vez, estrutura-se em *quatro etapas* cronologicamente subsequentes: a) os manuscritos de 1857/1858; b) os manuscritos de 1861-1863; c) os manuscritos de 1863-1865; d) o período que começa com a publicação do primeiro livro em 1867.

Esta quarta e última etapa (1867-1883) se desenvolve em *três direções* interligadas entre si: d¹) publicação e reelaboração do primeiro livro de *O capital* (*Manuscrito 1871/1872*, segunda edição alemã, edição francesa, materiais para a terceira edição alemã); d²) manuscritos para o segundo livro; d³) manuscritos para o terceiro livro.

Neste ponto chegamos ao limiar da publicação do primeiro livro de *O capital* (1867), uma vez que nos interessa reconstruir o caminho que conduziu Marx em 1863-1865 à *terceira* elaboração global de seu impressionante projeto de *crítica* da economia política, em que – como veremos – também se insere o *Capítulo sexto*.³

1844-1857

Uma *primeira aproximação* aos problemas econômicos por parte de Marx situa-se nos anos 40 do século XIX e encontra-se nos denominados *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* e nos cadernos de extratos e de anotações que datam daquele período (ver Musto, 2011,

³ Para uma reconstrução mais ampla da formação “econômica” de Marx, anterior a *O capital*, e das diferentes edições do primeiro livro de *O capital*, remeto a Fineschi (2008, p. 62-129).

p. 45-67).

Desenvolvendo então os pressupostos já apresentados em *A ideologia alemã* (1845/1846), Marx chega a conceber, na segunda metade dos anos 40, o capitalismo não como um dado natural mas como um *produto histórico*, e o capital não como uma coisa simples, mas como uma *relação social*. Ainda na segunda metade dos anos 40, Marx também havia compreendido a centralidade, no contexto da pesquisa econômica, das *relações de produção* e havia reconhecido a primazia do desenvolvimento das *forças produtivas*.

Estes resultados importantes foram obtidos e apresentados, em particular, na *Miséria da filosofia* (1847) e nas conferências sobre *Trabalho assalariado e capital* (publicadas como artigos, a partir de abril de 1849, na *Neue Rheinische Zeitung*). Nestes trabalhos há um desenvolvimento mais concreto das categorias econômicas, mesmo quando Marx permanece basicamente ancorado aos pressupostos fundamentais da teoria ricardiana, enquanto consegue superar a intrínseca a-historicidade desta.

De agosto de 1850 a junho de 1853 Marx redigiu em Londres vinte e quatro cadernos de anotações e extratos e duas importantes versões do genuíno e pertinente debate teórico: *Dinheiro, crédito, crise e Três livros sobre crises*. Os estudos do início dos anos 50, documentados nos chamados *Cadernos de Londres*, atestam um aprofundamento intenso das teorias monetárias e das correlatas teorias da crise⁴.

Deste momento em diante, as observações críticas de Marx sobre os economistas clássicos começam a tornar-se cada vez mais precisas e pontuais. Uma vez aprofundado o estudo da teoria monetária e da circulação do dinheiro, Marx começa a criticar a teoria quantitativa do dinheiro em Ricardo; passa então à análise das relações econômicas mais complexas, e concentra-se, em particular, na análise do crédito e das crises; finalmente, começa a reexaminar a teoria da renda fundiária (ver Sgro', 2016a).

Nos anos 1854-1857 os estudos econômicos foram menos intensos e vieram a ser interrompidos diversas vezes por obras de caráter jornalístico (ver Musto, 2011, p. 151-169). Nesse período, Marx reúne os primeiros resultados e estabelece as condições que lhe permitirão, em 1857/1858, a rápida elaboração dos *Grundrisse*.

1857-1860

⁴ Para uma apresentação e discussão abrangentes do importante conteúdo dos *Cadernos de Londres*, remeto a Schrader (1980, p. 15-103); Pradella (2015, p. 92-125 e 175-183).

O manuscrito conhecido com o título editorial de *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* (*Esboços da crítica da economia política*) representa o primeiro grande rascunho (*Rohentwurf*) não apenas da teoria marxiana específica do capital, mas também (e acima de tudo) de seu projeto *global* de crítica da economia política.

É, de fato, apenas a partir deste manuscrito que Marx efetivamente inicia a redação de sua *própria* teoria do “capital” como *um todo* com base em um projeto que, de agora em diante, abrangerá um complexo de elementos *cujas coordenadas gerais permanecerão inalteradas*, embora sofram, em alguns casos, modificações também *de relevo* nas subsequentes reelaborações. Os “projetos” que, mais tarde, Marx efetivamente seguirá e tentará alcançar são essencialmente dois: 1) o projeto dos seis livros de 1857/1858 e 2) o projeto dos quatro livros de *O capital* de 1866.⁵

Mesmo que ainda falte a categoria de tempo de trabalho socialmente necessário, e a clara distinção conceitual e terminológica entre as duas características do trabalho de produção de mercadorias, nos *Grundrisse* Marx chega – no âmbito do desenvolvimento de sua concepção de valor, do dinheiro e do capital – à conquista fundamental da mercadoria como a célula elementar da sociedade capitalista e à contraposição entre o valor (de troca) e o valor de uso.⁶

Desse modo, foram lançadas as bases para a transição à exposição *genética* das categorias econômicas, cuja primeira tentativa será empreendida por Marx em *Contribuição à crítica da economia política* (1859), da qual também há um interessante manuscrito preparatório conhecido como *Urtext*.

1861-1863

Posteriormente Marx retomou seus estudos de economia com a intenção de escrever a continuação de *Contribuição à crítica da economia política*, ou seja, o terceiro capítulo sobre o “capital em geral”, no qual, pela primeira vez, são concretamente tratados alguns dos temas

⁵ Projeto dos seis livros: “1. O capital (contém alguns capítulos introdutórios), 2. Renda fundiária, 3. Trabalho assalariado, 4. O Estado, 5. Comércio internacional, 6. Mercado mundial” (*Carta de Marx a Lassalle*, 22 de fevereiro de 1858, in Marx e Engels, 1973, p. 578). Projeto dos quatro livros de *O capital*: “Toda a obra é dividida nas seguintes partes: Livro I. O processo de produção do capital. Livro II. O processo de circulação do capital. Livro III. Configurações do processo global. Livro IV. Para a história da teoria” (*Carta de Marx a Kugelmann*, 13 de outubro de 1866, in Marx e Engels, 1974, p. 580). Para uma discussão pormenorizada e sólida do debate sobre o “capital em geral” e sobre as alterações do “projeto dos seis livros”, remeto aos seguintes estudos fundamentais: Schwarz (1978); Fineschi (2001, p. 141-145, 217-259 e p. 416-422); Heinrich (2003, p. 179-195).

⁶ Para um aprofundamento inicial dos *Grundrisse*, ver: Rosdolsky (1971); Müller (1978, p. 66-95); Dussel (1991); Musto (2015).

já apresentados nos índices de 1857/1858 (como concorrência, renda, juros, etc.).

A *segunda* tentativa realizada por Marx para apresentar seu projeto de crítica da economia política é representada, por conseguinte, pelos vinte e três cadernos do manuscrito de 1861-1863⁷, cuja parte central é ocupada pelas denominadas *Teorias sobre a mais-valia*, que, por sua vez, *não* constituem o “quarto livro” de *O capital*, dado que é somente a partir do *Capítulo sexto* que Marx começa a falar de um projeto em quatro *livros* (a ser publicado em três *volumes*) e, portanto, de um quarto livro a ser dedicado à história das teorias econômicas, que vem separada da verdadeira exposição teórica, de acordo com a estrutura expositiva já adotada em *Contribuição à crítica da economia política* (1859), na qual, aos capítulos teóricos, seguia-se uma ampla reconstrução da história das categorias econômicas.

O fato de que a partir de 1863 o projeto de *O capital* em três *volumes* (dividido em quatro *livros*) começasse a tomar forma na mente de Marx não implica contudo, creio, seja dito *en passant*, que Marx tenha abandonado *tout court* a estruturação de seu projeto de crítica da economia política segundo o plano inicial dos seis livros de 1857/1858. Dada a dimensão e a complexidade do projeto, e considerando suas precárias condições econômicas e de saúde, ele foi forçado a renunciar à *realização pessoal* de tal imponente projeto de pesquisa, mas não necessariamente ao plano dos seis livros que, na minha opinião, continua a manter *inalterada* a sua validade teórica.

1863-1865

Tendo assim aclarado as ideias, Marx começou a redigir *O capital* escrevendo pela *terceira* vez toda a teoria (*Manuscrito de 1863-1865*)⁸, mas desta vez segundo o plano dos três *volumes* em quatro *livros*: 1) processo de produção do capital; 2) processo de circulação do capital; 3) configurações do processo global; 4) história da teoria (ver Omura, 2001).

Entre o verão de 1863 e o verão de 1864, Marx dedica-se ao primeiro livro – do qual

⁷ A respeito do importantíssimo *Manuscrito de 1861-1863*, ver: Badaloni (1980); Müller (1978, p. 95-119); Müller (1979); Müller (1983); Jahn (1983); Dussel (1988).

⁸ Vide a célebre carta de Marx a Engels de 31 de julho de 1865: “Quanto ao meu trabalho, quero contar-te a autêntica verdade. Ainda faltam três capítulos a escrever para finalizar a parte teórica (os primeiros três livros). Então há ainda o quarto livro para ser escrito, a parte histórico-literária [...]. Mas não posso decidir-me a enviar qualquer coisa antes de tudo estar diante de mim. *Whatever shortcomings they may have* [Quaisquer que sejam as deficiências que possam ter], este é o mérito dos meus livros, que constituem um todo artístico, algo alcançado apenas com o meu sistema de nunca mandar imprimir-los antes de tê-los *concluído*. Isso é impossível com o método de Jacob Grimm [que, junto com seu irmão Wilhelm, começou a publicar em 1854 o monumental *Deutsches Wörterbuch* em volumes individuais] e geralmente é melhor para escritos que não sejam dialeticamente articulados” (Marx e Engels, 1974, p. 142).

apenas nos restam o *Capítulo sexto* e alguns fragmentos de páginas e de anotações –, do verão de 1864 a dezembro de 1865, ele então trabalha intensamente no terceiro livro (do qual conclui o manuscrito principal), com uma longa interrupção, correspondente ao primeiro semestre de 1865, no qual compõe o primeiro dos oito manuscritos para o segundo livro.⁹

O papel e a posição do *Capítulo sexto inédito* no projeto marxiano de crítica da economia política

Os editores do volume 4.1 da segunda seção da *MEGA*² estabeleceram que o *Capítulo sexto* foi redigido por Marx entre o final da primavera e o verão de 1864: por conseguinte, o mesmo se insere no apogeu da *terceira* tentativa marxiana de expor sua crítica da economia política.

Com base no índice da primeira edição impressa (1867) do primeiro livro de *O capital*, pode-se supor que, muito provavelmente, a estrutura do primeiro livro no manuscrito de 1863-1865 tenha sido a seguinte:

1. A transformação do dinheiro em capital.
2. A produção da mais-valia absoluta.
3. A produção da mais-valia relativa.
4. Pesquisas posteriores sobre a produção da mais-valia absoluta e relativa.
5. O processo de acumulação do capital.
6. Resultados do processo de produção imediato.

O trabalho no manuscrito do primeiro livro durou até o final do verão de 1864. De acordo com o novo projeto dos quatro *livros* em três *volumes*, Marx pretendia inicialmente publicar o primeiro e o segundo *livros* juntos no primeiro *volume* (processo de produção imediata e sua mediação no processo de circulação); o segundo *volume* deveria conter o terceiro *livro* (dedicado às configurações do processo global); o terceiro *volume* deveria conter o quarto *livro* dedicado à história da teoria (para a qual, muito provavelmente, utilizaria os cadernos VI-XV do manuscrito de 1861-1863).

Por toda uma série de razões extrínsecas (a publicação “antecipada” apenas do primeiro *livro* como primeiro *volume*; o caráter ainda provisório e “semiacabado” do *Capítulo sexto*) e,

⁹ Todos os manuscritos e as obras impressas de Marx sobre a crítica da economia política estão agora disponíveis na segunda seção da *MEGA*². A este respeito, ver Fineschi (2003a, 2003b, 2010). Para uma apresentação geral da edição histórico-crítica das obras de Marx e Engels em alemão, permitam-me remeter a Sgro⁷ (2016b, p. 17-29).

acima de tudo, da arquitetura *teórica* (os temas tratados no *Capítulo sexto* não constituem a *passagem* para o segundo livro, mas antes o *objeto* do terceiro livro; alguns dos quais foram tratados, ainda que brevemente, na edição impressa do primeiro livro)¹⁰, entre o final de 1866 e o início de 1867, Marx decide *não* mais usar o *Capítulo sexto*, que deveria ter servido como uma “passagem” do primeiro ao segundo *livro* no primeiro *volume* e, além disso, por ocasião da segunda edição (1873) do primeiro livro elimina também aquelas poucas linhas de comentários presentes na última página da primeira edição (1867), que poderiam e deveriam ter servido como passagem para o segundo *livro*.

A partir desta breve reconstrução, emerge claramente a importância central e decisiva do *Capítulo sexto*, seja porque nos oferece um “instantâneo” do imenso e diuturno trabalho de exposição da crítica da economia política – que ocupou Marx por diversas vezes por mais de trinta anos –, seja porque representa uma “síntese” do primeiro livro de *O capital* escrita por seu autor, seja porque contém aprofundamentos teóricos e ideias “previdentes” que não são encontrados nas edições impressas do primeiro livro de *O capital*.

Os resultados do processo de produção imediato

De acordo com o que lemos no início do *Capítulo sexto*, neste são tratados três argumentos principais, ou melhor, são expostos de forma sintética os resultados do processo de produção imediata.

- 1) *Mercadoria* como *produto do capital*, da produção capitalista.
- 2) A produção capitalista é *produção de mais-valia*.
- 3) Esta é, enfim, *produção e reprodução de toda a relação* pela qual esse processo de produção imediata se caracteriza como *especificamente capitalista* (55).¹¹

Sobre estes três pontos, gostaria de deter-me brevemente para apresentar as “notas à

¹⁰ Os problemas relacionados à *efetiva* realização ou não da massa de mercadorias produzidas são, de fato, um argumento específico da teoria da concorrência, que só pode ser adequadamente exposta *após* a obtenção da relação entre capital e lucro, que se encontra no segundo capítulo do terceiro livro (décimo capítulo da segunda seção, na versão impressa de Engels), no qual se introduz a categoria de valor de mercado. No segundo livro, a questão da *efetiva* realização da massa de mercadorias produzidas pelo capital singular e, portanto, da mercadoria singular enquanto parcela da massa de mercadorias, ainda está suspensa, dado que, ainda durante todo o processo de circulação e rotação do capital, continuamos a fazer *abstração* dos atritos e das contratendências do movimento *real*. Ver mais detalhadamente a respeito: Antonowa (1982); Fineschi (2008, p. 99-102); Murray (2009).

¹¹ Todos os números apresentados no texto entre parênteses se referem às páginas da edição italiana de Marx (2018).

margem” ao denso texto do *Capítulo sexto*. Por conveniência expositiva, começarei com o primeiro ponto.

Mercadoria como produto do capital

Um primeiro elemento que eu gostaria de colocar em evidência é o “curso circular” (55) da exposição marxiana, a saber, o fato de que se inicia com a mercadoria como uma “forma elementar de riqueza *burguesa*” (55, grifo meu), e finaliza com a mercadoria como “resultado imediato do processo de produção *capitalista*” (56, grifo meu). No decorrer da exposição, por um lado, a mercadoria “se manifesta como *pressuposto* da constituição do capital” (56, grifo meu), por outro “manifesta-se essencialmente como o *produto* e o *resultado* do processo de produção *capitalista*” (56, grifos meus).

Em minha opinião, aqui Marx segue e coloca em prática aquele método de ascender do abstrato ao concreto que na célebre – e igualmente inacabada e não muito utilizada – *Introdução* de 1857 ele designava como o “método cientificamente correto”¹²: parte-se da mercadoria singular autônoma – simples, dado que abstrata (do latim *ab-traho*), isto é, destituída de ulteriores determinações – e se chega por meio de um processo de concretização (do latim *cum-crescere*), isto é, do enriquecimento de ulteriores determinações, à mercadoria como “produto e resultado do processo de produção capitalista”, que já não aparece mais como a “mercadoria singular autônoma” (61) da qual se partiu (que, como resultado de um processo de abstração, *não* existe concretamente em sua autonomia), mas agora se manifesta fenomenicamente como uma “*massa de mercadorias*” (61), isto é – para citar o *incipit* do primeiro livro de *O capital* –, como uma “imensa coleção de mercadorias”.

Tal “curso circular” de exposição, pelo qual se parte da “mercadoria autônoma singular” e se chega a uma “*massa de mercadorias*”, é plenamente legítimo e condizente com a análise da forma de valor contida no primeiro capítulo do primeiro livro de *O capital*, porque – a rigor – dizer mercadoria significa dizer *necessariamente mercadorias*, enquanto ser mercadoria (a “forma” de mercadoria) não é uma propriedade “natural” dos produtos do Trabalho (com maiúscula) ou de um tipo particular de trabalho concreto, mas sim a “forma social” que investe e reveste o “conteúdo material”, os produtos não do trabalho *em geral*, mas de uma forma de

¹² Sobre o método dialético de Marx, remeto ao trabalho fundamental de Fineschi (2001, p. 15-22, 29-40 e 423-442; 2006, p. 127-178; 2008, p. 23-62). Acerca desses temas permito-me remeter a Sgro’ (2009; 2012; 2016b, p. 46-51, 54-55, 60-62, 82-85, 89-98 e 140-151).

trabalho histórica e socialmente determinada, que é precisamente o trabalho que produz mercadorias (ver Fineschi, 2001, p. 41-78).

O “curso circular” da exposição mostra, na minha opinião, como até aqui Marx segue a lógica da derivação, ou, *if you like*, da inspiração hegeliana do pressuposto/posto, e como a sua exposição continua a situar-se no nível de generalidade/universalidade do capital, de acordo com o plano original dos seis livros.

Como Fineschi demonstrou claramente, o capital em geral é o capital *transformado*, o capital que ainda está estabelecendo seus próprios pressupostos, isto é, o capital baseado nas condições lógicas de existência que o precedem, constitui e *instaura* por si só, os *pressupostos* da própria existência. Uma vez que o capital estabeleceu seus próprios pressupostos, tornou-se o capital *transformado*, isto é, o *processo* de produção e de circulação do capital.¹³ De fato, ao final do primeiro ponto do *Capítulo sexto*, que na edição impressa deveria desempenhar o papel de *Übergang* (passagem) do primeiro para o segundo *livro*, lemos:

Mas essas *mercadorias* [quais produtos do processo de produção imediato, e não mais a mercadoria autônoma singular] são agora, *ao mesmo tempo*, as portadoras [*Träger*] do capital; são o *próprio capital valorizado*, repleto de mais-valia. E, nessa relação, sua circulação [de meras mercadorias], que é, *ao mesmo tempo*, um *processo* de reprodução do capital, implica *determinações ulteriores*, estranhas à *consideração abstrata* da circulação das mercadorias. Devemos, portanto, considerar agora a circulação das mercadorias como o *processo de circulação do capital* (82-83; grifo meu).

Aí, como em tantos outros trechos, revela-se, como na exposição do “conceito universal do capital”, que é o conteúdo de *todos os três* livros de *O capital*, haver na obra um conceito de tempo de caráter não-cronológico, mas antes *lógico*, um conceito de tempo interno e “sistêmico”, em que o antes e o depois são ajustados pela *Ent-wicklung*, pelo des-envolvimento e des-dobramento dos conceitos, ou melhor, do conceito geral/universal de capital que estabelece seus próprios pressupostos e se desdobra, subsumindo-os, fazendo-os transformar em *momentos* ou *pressupostos* próprios todos aqueles elementos históricos, econômicos e extraeconômicos que *aparentemente* são *outros* que não o capital.¹⁴

Para concluir: a primeira parte do *Capítulo sexto* sobre a mercadoria como produto *específico* do processo de produção capitalista permite compreender como a categoria de

¹³ A este respeito, vide os estudos fundamentais de Fineschi (2001, p. 119-145; 2006, p. 127-178; 2008, p. 80-156).

¹⁴ Além dos estudos de Fineschi já mencionados na nota anterior, vide a este respeito o importante artigo de Mazzone (1987).

mercadoria, com a qual inicia a exposição marxiana, é uma mercadoria já *capitalista*, isto é, já determinada capitalisticamente, na medida em que esta é o *pressuposto* e, ao mesmo tempo, o *produto* do processo de produção *capitalista*.

Uma leitura atenta da primeira parte do *Capítulo sexto* (bem como da primeira seção do primeiro livro de *O capital*) permite-nos, portanto, demonstrar a inconsistência da historicização engelsiana da primeira seção do primeiro livro de *O capital*, na qual se trata da *simples circulação* das mercadorias e não de uma suposta “produção mercantil simples” (ver Rakowitz, 2000), que é uma categoria cunhada e introduzida por Engels em suas *Considerações suplementares* para a edição do terceiro livro de *O capital* editado e publicado por ele em 1894.¹⁵

No *Capítulo sexto*, a mercadoria que aparece ao final da exposição “se manifesta como parte meramente ideal do produto total em que o capital se reproduz” (62), ou seja, em última instância, manifesta-se como a “forma transformada do capital que agora é valorizado” (62). Ao final da exposição, a mercadoria *se torna* – e se manifesta como – o que propriamente é: produto do capital, na verdade, “forma transformada do capital” mesmo, uma parcela do *processo* geral de produção e circulação das *mercadorias*.

A mercadoria singular [pressuposto do capital] é, de fato, um produto acabado [estabelecido pelo capital], em cujos ombros se acha o processo de sua gênese [o processo de sua produção, do qual a exposição abstraiu de início], no qual é, de fato, tomado [*aufgehoben*] o processo [laboral] pelo qual um trabalho útil particular é incorporado, objetivado nisso [no produto-mercadoria]. No processo de produção, a mercadoria se torna [o que ela propriamente é: *Träger* (portadora) do valor que valoriza a si mesmo, isto é, do capital]. Como produto, é constantemente expulsa do processo [de produção no processo de circulação das mercadorias], de modo que o próprio produto [a mercadoria] se manifeste apenas como um momento [abstrato, se considerado autonomamente] do processo [completo de produção e circulação das *mercadorias*] (88).

A produção capitalista é produção de mais-valia

Agora chegamos brevemente ao segundo ponto da exposição marxiana no *Capítulo sexto*. Do que foi sustentado até agora, talvez se possa deduzir que o propósito da produção capitalista seja simplesmente produzir uma grande massa de mercadorias. E, no entanto, não é

¹⁵ Para uma discussão analítica do trabalho editorial desenvolvido por Engels sobre o material original de Marx para o terceiro livro de *O capital*, vide, pelo menos, Vollgraf (2004). Para outras indicações bibliográficas permito-me remeter a Sgro’ (2016b, p. 89-102).

bem assim: a “imensa coleção de mercadorias” é, na realidade, apenas a *forma fenomênica* na qual se manifesta (*erscheint*) a riqueza criada pelo capital.

O propósito específico e determinante da produção capitalista é produzir e reproduzir a si mesma, produzir e reproduzir continuamente a relação de capital, determinada aqui em um nível ainda muito abstrato de exposição como mais-valia, valor que cria maior valor:

A produção de mais-valia, que implica a conservação do valor originalmente antecipado, manifesta-se assim como o propósito determinante, o interesse propulsor e o *resultado final* do processo de produção capitalista, graças ao qual o valor original é transformado em capital [ou seja, em um valor maior, em mais-valia, em valor que valoriza e incrementa a si próprio] (84). A autovalorização do capital (a criação da mais-valia) é, portanto, o propósito determinante, dominante e unificador [*übergreifende*] do capitalista, o impulso e o conteúdo absoluto de sua ação (100).

A massa de mercadorias (como resultado da produção) vale aqui como uma portadora do valor de troca (mais tarde Marx especificará que se trata do “valor”) do capital, ou seja, do valor que se autovaloriza, independentemente do corpo material de mercadorias (seja este ouro, açúcar ou estreme).

A mercadoria como produção e reprodução da inteira relação de capital

Mas ainda há mais, e chegamos com isto ao terceiro ponto. O capital não apenas produz e reproduz continuamente a si mesmo, mas, segundo a própria lógica imanente, deve aumentar-se, isto é, deve se reproduzir em uma escala cada vez maior. Para produzir e reproduzir, o capital deve então continuamente instaurar seus próprios pressupostos, sua própria força vital, isto é, o trabalho vivo:

O capital, portanto, não produz apenas capital, ele produz uma massa crescente de trabalhadores, o único material graças ao qual ele pode funcionar como capital adicional. [...] A produção capitalista não é apenas uma reprodução da relação, é a reprodução desta em escala cada vez maior, e, na mesma medida em que, com o modo de produção capitalista, se desenvolve a força produtiva social do trabalho, cresce a riqueza acumulada que se eleva qual torre frente ao trabalhador – como *riqueza* que *domina*, como *capital* –, se expande diante dele o mundo da riqueza como um mundo que lhe é estranho e que o domina e, na mesma proporção, se desenvolve em oposição a sua pobreza subjetiva, indigência e dependência. Seu *esvaziamento* e aquela *plenitude* se correspondem, andam de mãos dadas. Ao mesmo tempo, aumenta a massa desses meios vivos de produção do capital, o *proletariado* que trabalha (172).

A partir desta citação ampla e significativa – de gosto indubitavelmente “juvenil”, uma vez que evoca, quase literalmente, a análise do trabalho alienado dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, ainda que se situe, obviamente, em outro “campo teórico” de referência e seja conduzida com outros instrumentos heurísticos –, podemos, na minha opinião, obter duas indicações teórico-políticas consideráveis, que aqui me limito apenas a mencionar:

1) O processo de acumulação do capital e de produção do exército industrial de reserva não é ideologicamente colocado como um “mito das origens” do modo de produção capitalista, mas representa a dura realidade cotidiana. Por outras palavras: a acumulação não é originária, é *cotidiana e permanente*, porque cotidiana e permanentemente o capital deve produzir e criar os pressupostos para sua existência, e isso em uma escala cada vez mais amplificada.

2) É na relação de exploração do trabalho assalariado pelo capital que se esconde, a meu ver, o núcleo “político” de *O capital*, que não é uma obra *i-mediata* política, mas trata, no primeiro livro, com um nível necessariamente alto de abstração, também da relação “política”, isto é, da superordenação e subordinação, entre o capitalista e o trabalhador assalariado, e da luta da *classe* dos trabalhadores contra a *classe* dos capitalistas.¹⁶

Especificidade e atualidade do *Capítulo sexto*

Além do que foi brevemente delineado acima, há também alguns elementos específicos que conferem ao *Capítulo sexto* uma espécie de “dignidade teórica” autônoma, de dimensão suficiente para que ele também seja considerado e utilizado como uma *integração* útil à análise realizada no primeiro livro de *O capital*, e não apenas simplesmente como o manuscrito preparatório ou o “resumo” dele.

A esta altura, me limitarei a revisar brevemente apenas *alguns* dos temas abordados de maneira mais extensa e aprofundada no *Capítulo sexto* do que na versão impressa do primeiro livro de *O capital*. São elementos que realçam a grande atualidade da análise contida no *Capítulo sexto* e que fornecem instrumentos úteis para criticar a leitura *historicista* de *O capital*, hoje em grande parte ainda dominante.

Uma das primeiras especificidades do *Capítulo sexto* consiste no tratamento mais amplo da distinção entre a subsunção formalista e a subsunção real do trabalho sob o capital (ver 128-

¹⁶ Para uma teoria política inspirada em *O capital*, consultar Fineschi (2008, p. 130-156). Acerca desta temática me permito remeter também a Sgro’ (2017).

148). Tais formas de subsunção – bem como as seções correspondentes sobre cooperação, manufatura e grande indústria do primeiro livro de *O capital* – não devem ser lidas, a meu ver, historicamente, segundo o antes e o depois *cronológico*, qual duas formas *historicamente* distintas de organização do trabalho, às quais corresponderiam as formas de extração da mais-valia absoluta e da mais-valia relativa, mas sim como formas sempre *coexistentes* ainda hoje nas diferentes partes do mundo. De fato, consoante ao *milieu historique*, ao contexto econômico e jurídico local específico em cujo âmbito opera, o capital decide qual forma de exploração é mais “racional”, a saber, qual forma de exploração lhe permite e lhe assegura maior autovalorização, ou seja, maior extração de mais-valia do trabalho vivo.

A distinção entre trabalho produtivo e improdutivo também é muito mais detalhada e articulada no *Capítulo sexto* (ver 149-160). Marx salienta em várias ocasiões, e com vários exemplos, que é produtivo *todo* tipo de trabalho que produz mais-valia, isto é, que expande o capital. Tais considerações nos levam a crer que o termo *Arbeiter* deva ser entendido não historicamente como operário de fábrica, mas sim, mais genericamente/universalmente como *qualquer trabalhador* que tenha sido realmente subsumido sob a relação de capital. Isto porque, se o operário de fábrica é uma *figura* histórica e historicamente muito relevante da “guerra civil” entre o trabalho assalariado e o capital, concebê-lo como *qualquer trabalhador* nos permite sair da perspectiva da fábrica para estender o potencial da análise marxiana também a outras formas de trabalho – como o trabalho cognitivo, emocional, imaterial, criativo, comunicativo etc.–, que agora tem sido todas realmente subsumidas sob a relação de capital.

Referências

ANTONOWA, I. Der Platz des Sechsten Kapitels ‘Resultate des unmittelbaren Produktionsprozesses’ in der Struktur des *Kapitals*. **Beiträge zur Marx-Engels-Forschung**, 11, p. 63-72, 1982.

BADALONI, N. **Dialettica del capitale**. Roma: Riuniti, 1980.

DUSSEL, E. **Hacia un Marx desconocido**: un comentario de los Manuscritos del 61-63. México: Siglo XXI, 1988.

_____. **La producción teórica de Marx**: un comentario a los Grundrisse. México: Siglo XXI, 1991.

FINESCHI, R. **Ripartire da Marx**: processo storico ed economia politica nella teoria del ‘capitale’. Napoli: La Città del Sole, 2001.

_____. **Il Capitale** dopo la nuova edizione storico-critica: pubblicazione e teoria. **Marxismo**

oggi, n. 2, p. 156-168, 2003a.

_____. Le edizioni del I libro del *Capitale*. **Quaderni materialisti**, 2, p. 165-183, 2003b.

_____. **Marx e Hegel**: contributi a una rilettura. Roma: Carocci, 2006.

_____. **Un nuovo Marx**: filologia e interpretazione dopo la nuova edizione storico-critica (*MEGA2*). Roma: Carocci, 2008.

_____. Il secondo libro del *Capitale* dopo la *MEGA2*: saggio sui volumi *MEGA* II/11, II/12 e II/13. **Marxismo oggi**, n. 3, p. 32-47, 2010.

HEINRICH, M. **Die Wissenschaft vom Wert**: die Marxsche Kritik der politischen Ökonomie zwischen wissenschaftlicher Revolution und klassischer Tradition. Münster: Westphälisches Dampfboot, 2003.

JAHN, W. (Hrsg.). **Der zweite Entwurf des “Kapitals”**: Analysen, Aspekte, Argumente. Berlin: Dietz Verlag, 1983.

MARX, K. **Risultati del processo di produzione immediato**: il “capitolo sesto inedito” del primo libro de “Il capitale”. Introduzione, traduzione e cura di Giovanni Sgro’. Napoli: La Città del Sole, 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **Opere complete**. Vol. XL - Lettere. 1856-1859. Roma: Riuniti, 1973.

_____; _____. **Opere complete**. Vol. XLII - Lettere. Ottobre 1864 – Dicembre 1867. Roma: Riuniti, 1974.

MAZZONE, A. La temporalità specifica del modo di produzione capitalistico. In: CAZZANIGA, G. M.; LOSURDO, D.; SICHIROLLO, L. (Cur.). **Marx e i suoi critici**. Urbino: Quattroventi, 1987. p. 224-260.

MÜLLER, M. **Auf dem Wege zum “Kapital”**: zur Entwicklung des Kapitalbegriffs von Marx in den Jahren 1857-1863. Berlin: Akademie Verlag, 1978.

_____. Zur Charakteristik der letzten Arbeitsphase am Manuskript Zur Kritik der politischen Ökonomie (1861-1863) von Karl Marx. **Beiträge zur Marx-Engels-Forschung**, 5, p. 29-43, 1979.

_____. Über die Stellung des Manuskripts “Zur Kritik der politischen Ökonomie” (1861-1863) im ökonomischen Nachlaß von Karl Marx. **Marx-Engels-Jahrbuch**, 6, p. 173-210, 1983.

MURRAY, P. The Place of ‘The Results of the Immediate Production Process’ in *Capital*. In: BELLOFIORE, R.; FINESCHI, R. (Eds.). **Re-reading Marx**: new perspectives after the critical edition. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 163-177.

MUSTO, M. **Ripensare Marx e i marxismi**: studi e saggi. Roma: Carocci, 2011.

_____. (Cur.). **I Grundrisse di Karl Marx**: lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: ETS, 2015.

OMURA, I. Von 'Zur Kritik der politischen Ökonomie' zum *Kapital*. Marx' konzeptionelle Überlegungen zum *Kapital* 1862 und 1863 bis 1865. **Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge**, p. 44-55, 2001.

PRADELLA, L. **Globalization and the critique of political economy**: new insights from Marx's writings. Abingden; New York: Routledge, 2015.

RAKOWITZ, N. **Einfache Warenproduktion**: ideal und ideologie. Freiburg i.Br.: Ça ira Verlag, 2000.

ROSDOLSKY, R. **Genesi e struttura del Capitale di Marx**. Trad. di Bruno Maffi. Roma-Bari: Laterza, 1971.

SCHRADER, F. **Restauration und Revolution**: die Vorarbeiten zum "Kapital" von Karl Marx in seinen Studienheften 1850-1858. Hildesheim: Gerstenberg, 1980.

SCHWARZ, W. **Vom "Rohentwurf" zum "Kapital"**: die Strukturgeschichte des Marxschen Hauptwerkes. Berlin: Verlag Das Europäische Buch, 1978.

SGRO', G. Die dialektisch-materialistische Methode der Marxschen Kritik der politischen Ökonomie. Stichworte zu einer unendlichen Geschichte. In: MÜLLER, S. (Hrsg.). **Probleme der Dialektik heute**. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2009. p. 201-227.

_____. Vom Abstrakten zum konkreten 'historischen Milieu'. Zur An- und Verwendbarkeit der Marxschen Analyse der kapitalistischen Produktionsweise. In: GRÖZINGER, G.; REICH, U.-P. (Hrsg.). **Jahrbuch Ökonomie und Gesellschaft**, 24, 2012, p. 167-182.

_____. La genesi della teoria marxiana del denaro, del feticismo e della crisi nei *Quaderni di Londra* (I-VII) e nel manoscritto *Reflection* (1851). **Pagine inattuali. Rivista di filosofia e letteratura**, 5, p. 29-65, 2016a.

_____. **MEGA-Marx**: studi sulla edizione e sulla recezione di Marx in Germania e in Italia. Napoli-Salerno: Orthotes Editrice, 2016b.

_____. La "vera dottrina di Marx sullo Stato"? Lenin lettore e interprete di Marx. **Politics. Rivista di Studi Politici**, 7 (1/2017), p. 59-76.

VOLLGRAF, C.-E. Engels' Kapitalismus-Bild und seine inhaltlichen Zusätze zum dritten Band des *Kapital*. **Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge**, p. 7-53, 2004.